



A IDENTIDADE CULTURAL COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO ENTRE AS FAMÍLIAS UCRAÍNA-BRASILEIRAS NO DECURSO DA COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVA TEBAS – PARANÁ (1930-1960)

LUZ, Leandro Domingos, Fecilcam, Geografia, Fecilcam, leandroluz07@gmail.com
HAHN, Fábio André, Ciências Sociais, Fecilcam, fabioandreh@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este ensaio é resultado parcial do projeto intitulado “O Processo de Colonização do Município de Nova Tebas – Paraná (1930-1960): Formação e a Configuração das Relações Sociais de Poder”, vinculado ao Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder cadastrado no CNPq pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, que tem por objetivo estudar a colonização do município em questão e, a partir desse processo, entender as complexas relações sociais de poder que foram sendo formadas.

O município de Nova Tebas (Figura 1) está localizado na Mesorregião Centro Norte do Paraná, pertencendo ao terceiro planalto ou Planalto de Guarapuava. Conforme dados apresentados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (2009), o município possui uma área total de aproximadamente 544.187 km², com altitude média de 650 metros acima do nível do mar, estando a uma posição geográfica de latitude: 24 ° 26 ' 17 " S; longitude 51 ° 56 ' 43 " W, fazendo limite com os municípios de Iretama, de Jardim Alegre, de Manoel Ribas, de Arapuã, de Pitanga e de Roncador. Sua população é de aproximadamente 9.417 habitantes, conforme o censo 2000.

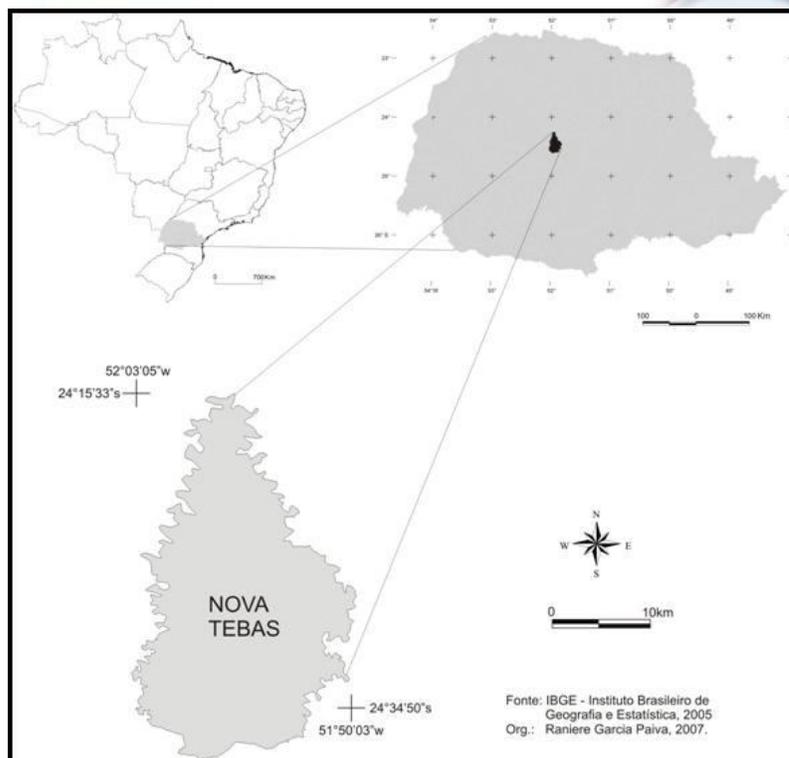


Figura 01: Localização do Município de Nova Tebas, no Estado do Paraná
Fonte: QUEIROZ, Marcos Antônio. 2008.

O nosso esforço analítico, neste ensaio, tem por temática o estudo do processo de colonização do município de Nova Tebas – Paraná, num recorte temporal que vai da década de 1930 até a década de 1960, período que corresponde desde a chegada das primeiras famílias de imigrantes ucranianos e descendentes, procedentes de colônias tradicionais ao sul do Estado do Paraná, principalmente da região de Prudentópolis, até o encontro com a frente pioneira vinda do norte paranaense relacionada com a expansão da cultura cafeeira no estado. Por meio do referido processo, investigamos a configuração social das famílias ucrânia-brasileiras precursoras no processo de colonização do município, uma vez que preservam até hoje a sua identidade cultural, a fim de manter as tradições e costumes comuns, mantidos desde os primeiros imigrantes vindos da Europa.

A nossa problemática está baseada teoricamente no estudo de Norbert Elias, mais especificamente na obra *Os estabelecidos e os outsiders*. Nesta obra, o autor evidencia que um grupo culturalmente homogêneo, estabelecido na região desde longa data exerce um poder social maior, em relação as comunidades heterogêneas que são constituídas em tempos relativamente recentes. Nesse sentido, queremos enfatizar a hipótese de que os habitantes da porção sul do município, precursores no processo de colonização, formaram uma comunidade homogênea, tendo como elemento comum a descendência ucraniana, constituindo normas de conduta, relações sociais fortemente estabelecidas, materializadas



pelos casamentos entre famílias, bem como uma identidade social comum, que potencializam suas relações de poder.

MEMÓRIA E FIGURAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS

No que concerne a matriz teórica, o principal autor que sustenta nossa pesquisa é N Robert Elias. Por meio da obra intitulada *Os estabelecidos e os outsiders*, o autor, nos oferece uma análise sucinta das relações internas de um grupo social a partir de uma pequena comunidade inglesa nos anos 50 e 60. Essa comunidade chamada por ele de Wiston Parva (nome fictício), conserva uma divisão fundamental, que divide seus habitantes, cada grupo com uma configuração diferente dos demais. Em sua análise sociológica, o autor mostra-nos que muito embora os habitantes do local não tivessem uma divisão tão grande quanto a renda e origem, formaram grupos sociais divergentes, mediante as suas características internas. Um grupo social estabelecido que possui fortes laços sociais e outro de um grupo heterogêneo que não possui uma identidade cultural homogênea.

N Robert Elias salienta que a redes de famílias antigas “(...) se diferenciam das outras por certas características comportamentais distintivas, inculcadas desde a infância em cada um dos seus membros, de acordo com a tradição distintiva do grupo” (ELIAS, 2000, p. 170), ou seja, as famílias que moram e se conhecem a mais tempo, chamadas por ele como famílias estabelecidas, constituem normas de conduta específicas dentro da comunidade. Em outro momento o mesmo autor ressalta “(...) as pessoas que pertencem a um círculo de ‘famílias antigas’ são providas de um código comum por seus vínculos afetivos específicos: uma certa união das sensibilidades subjaz a todas as diferenças” (ELIAS, 2000, p. 171).

Porém não é por comungar de uma identidade comum, social ou cultural, que não há conflitos entre as famílias da própria comunidade. Sobre esse assunto Elias (2000) salienta,

O fato de as “famílias antigas” se conhecerem e terem sólidos vínculos entre si, no entanto, não significa necessariamente que elas se estimem. É apenas em relação aos intrusos que tendem a se unir. Entre si, podem competir e quase invariavelmente o fazem, de maneira branda ou acirrada, conforme as circunstâncias, e, muitas vezes por tradição, podem antipatizar profundamente umas com as outras, ou até odiar-se. A familiaridade produzida pelo contato estreito ao longo de várias gerações [...], confere a seu relacionamento algumas qualidades específicas, tão compatíveis com amizade quanto com a inimizade mútua (ELIAS, 2000, p. 172).

Na mesma linha de raciocínio, o conceito de figuração, exposto por Elias (2006), é fundamentado no binômio indivíduo-sociedade – enquanto componentes indissociáveis de uma mesma estrutura social. Para ele, “*socialização e individualização* de um ser humano



são, portanto, nomes diferentes para um mesmo processo. Cada ser humano assemelha-se aos outros, e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros” (2006, p.26), ou seja, a partir da figuração interna dos indivíduos, forma-se a identidade individual e coletiva dos sujeitos sociais. Em outro momento, o autor supracitado, salienta que “Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas” (2006, p.26), dando a cada comunidade e indivíduo uma especificidade.

A partir da identidade cultural das famílias ucrânia-brasileiras e das relações sociais de poder, como salienta Elias, em um determinado espaço, surge, necessariamente um territorialidade dessas relações sociais. Desta forma, o território é visto por nós com uma visão integradora entre a sua dimensão material, constituída pela própria relação entre sociedade e natureza, e a sua dimensão simbólico-cultural, marcado pela produção das territorialidades pelos agentes sociais. Neste sentido temos a contribuição de Haesbaert (2004), salientando que:

Fica evidente [...] a necessidade de uma visão de território a partir da concepção de espaço como um híbrido – híbrido entre a sociedade e natureza, entre política e economia e cultura, e entre a materialidade e “idealidade”, numa completa interação entre tempo-espaço [...] Esta noção “híbrida” (e, portanto, múltipla, nunca indiferenciada) de espaço geográfico, o território pode ser concebido como a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais concreto das relações econômicas-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (2004, p.116).

Concebemos a identidade cultural como um fator de integração entre as famílias de descendentes de imigrantes ucranianos e desta com o meio em que vivem. Partindo desse princípio, Goffman¹ (1988) *apud* Costa (2005, p.82) salienta que os indivíduos sociais possuem duas identidades distintas, uma identidade real e outra virtual. A identidade real está relacionada ao conjunto de possibilidades psíquicas, culturais e biológicas do indivíduo, caracterizando-o em sua totalidade, desvinculado dos meios de interação formal. Por outro lado, a identidade virtual está arrolada ao “conjunto de exigências que se imputa aos indivíduos, seus papéis sociais em grupos de interação formalizados, ou seja, atributos que são tidos como normais e esperados no círculos sociais formais regidos e preestabelecidos”. Todavia, os atributos da identidade real devem ser levados em consideração para entender como se configura as relações formais e institucionalizadas entre os indivíduos de um mesmo grupo social. Setton (2004), salienta que “para Norbert Elias, não há identidade-eu

¹ GOFFMAN, E. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.



sem identidade-nós. Neste sentido, Elias afirma a forte e estreita correspondência entre a identidade individual e a identidade dos grupos” (2004, p.33).

Na primeira etapa foram realizadas leituras, estudos e fichamentos da bibliografia especializada, tanto quanto no que diz respeito a colonização da região, quanto da produção das relações sociais. Para a fundamentação teórica da pesquisa foram utilizados livros, artigos científicos e revistas, bem como teses e dissertações.

Na segunda etapa da pesquisa foram feitas as entrevistas com as primeiras famílias de migrantes que se dedicaram a colonização do município de Nova Tebas, em especial as famílias ucraina-brasileiras. Pela falta de material publicado, no que concerne ao processo de colonização no município, o procedimento metodológico que melhor se adequou à proposta de pesquisa foram as entrevistas, uma vez que fornecem a história do município, bem como a visão de mundo, a realidade cultural e as relações sociais em que esses entrevistados estavam inseridos.

Grande parte do acervo dos depoimentos, já arquivados e utilizados na elaboração desse trabalho, um total de 10 entrevistas, foram realizadas em parceria com o projeto de pesquisa e extensão intitulado “A Geografia da Práxis e da Cultura Camponesa Ucrâniana na Colonização da Mesorregião Centro-Ocidental Paranaense” atrelado ao programa da SETI, Universidade Sem Fronteiras, coordenado pela Professora Dr^a Adélia Ap^a de Souza Haracenko, na Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão no ano de 2009.

Para elucidar o nosso entendimento, sobre a metodologia proposta – a história oral, como fonte – contamos com a contribuição de Meihy (1996, p. 13), explicando que a “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento de estudos referentes à vida social das pessoas. Ela é sempre uma *história do tempo presente* e também como *história viva*”. Seguindo as considerações do mesmo autor, a história oral “Mantém um compromisso de registro permanente que se projeta para o futuro, sugerindo que outros possam vir a usá-la” (MEIHY, 1996, p. 13).

Ao explicar sobre o assunto, Verena Alberti (2008) salienta, que:

Fazer história oral não é simplesmente sair com um gravador em punho, algumas perguntas na cabeça, e entrevistar aqueles que cruzam o nosso caminho dispostos a falar um pouco sobre suas vidas. Essa noção simplificada pode resultar em um punhado de fitas gravadas, de pouca ou nenhuma utilidade, que permanecem guardadas sem que se saiba o que fazer com elas. Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação do conhecimento sobre o passado, é, digamos o próprio passado reencarnado em fitas gravadas – como se o simples fato de deixar registrado depoimentos de atores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa (ALBERTI, 2008, p. 29).



Em outro ponto a mesma autora citada evidencia que: “[...] a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um *projeto de pesquisa* previamente definido” (ALBERTI, 2008, p. 29).

Assim, para compreender o processo de colonização no município de Nova Tebas, apresentamos a sua história não só pela via bibliográfica, mas inserimos no contexto as informações oferecidas pelas fontes orais, entrevistando as pessoas que viveram esse período ou que tiveram a sua família envolvida nesse processo, que corresponde desde a chegada das famílias de migrantes na década de 1930 até a década de 1960.

Por meio das entrevistas, teremos contato com fotos e com documentos antigos, indispensáveis na temática que nos propomos a estudar. Nesse sentido, temos a contribuição de Paul Thompson (2002, p. 25) salientando que “[...] a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias, que, de outro modo, não teriam sido localizadas”.

O mesmo autor supracitado, salienta que, “A evidência oral, transformando os ‘objetos’ de pesquisa em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*” (THOMPSON, 2002, p. 137, grifo do autor). Destarte, os subsídios promovidos pelas fontes orais, para apreender, de forma singular, o processo de colonização do município em questão, é também, um meio de se explorar tanto a vida social do entrevistado, como a sua configuração em relação à comunidade. Pois, por meio dessa metodologia, podemos captar as emoções e os sentimentos dos entrevistados, bem como a sua visão de mundo.

Seguindo as contribuições de Thompson (2002), salientando que,

Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer sobre os contatos comuns de família com os vizinhos e parentes, quer sobre as suas relações internas. [...] Com o uso da entrevista, é possível agora desenvolver uma história muito mais completa da família através dos últimos noventa anos, estabelecer seus padrões e mudanças principais no decorrer do tempo, de lugar para lugar, durante o ciclo de vida e entre os sexos (THOMPSON, 2002, p. 28).

Portanto, a evidência oral vai de encontro ao que nos propomos a estudar, com o processo de colonização no município em questão, que é a formação das relações sociais e os laços identitários entre as famílias de descendência ucraniana.



O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE NOVA TEBAS – PR E A CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS IDENTITÁRIOS ENTRE AS FAMÍLIAS UCRAÍNA-BRASILEIRAS

A colonização do município de Nova Tebas – Pr, se dá em duas frentes de ocupação. A frente de expansão do Paraná Tradicional, pioneira, com uma população formada por famílias descendentes de europeus, principalmente de origem ucraniana, polonesa, italiana e alemã, ocupando a porção sul do município a partir da década de 1930. Que, por sua vez, se encontra com a frente pioneira vinda do Norte do Paraná ou Paraná Moderno, que trazia um contingente de pessoas provenientes de diferentes regiões do país, principalmente famílias compostas por nordestinos, paulistas e mineiros, que colonizam a porção norte do município, decorrente do processo de expansão a cultura cafeeira no Estado, nas décadas de 1950 e 1960.

A década de 1960 é também marcada pelo início do loteamento para a construção da sede do Município, planejada por Elias Papanastácio, “o grego”, como era chamado, exercendo, significativa influência na nova denominação do vilarejo, como forma de homenagear a sua terra natal, Tebas, na Grécia. Nessa década, “o grego” – como era chamado – comprou cerca de seiscentos alqueires e iniciou a venda de lotes, tanto na zona rural, quanto urbana, nesta última começa a abertura das ruas em meio a mata semi-derrubada.

Neste ensaio estaremos tratando apenas da primeira fase da ocupação, a partir de 1930, quando há a penetração das primeiras famílias migrantes de origem ucraina-brasileiras, na localidade de Barreirinho de Baixo.

Na primeira fase de colonização, que ocorre entre as décadas de 1930 e 1940, destacamos o processo de ocupação na porção sul do município. Nessa época quase não havia moradores na região, constituindo uma ocupação esparsa dentro do território. A colonização tem início nessa área, entre outros motivos, devido à sua proximidade com a cidade de Pitanga. Nessa área tem o surgimento do povoado de Bela Vista, recebendo esse nome em virtude da visão privilegiada da Serra de Pitanga. No dia 14 de agosto de 1957, através da Lei Estadual n.º3.267, Bela Vista foi elevado à categoria de Distrito Administrativo do município de Pitanga, antes mesmo da criação do distrito de Nova Tebas, atual sede administrativa do município (FERREIRA, 2006, p. 48).

Anteriormente à demarcação do território como município, o distrito de Bela Vista foi demarcado como Paróquia, sendo desmembrada de Pitanga, como salienta o padre Ricardo Küpper, no livro Tombo da então recém-criada paróquia:

Desmembrando o seu território da Paróquia de Pitanga com as seguintes divisas: o ponto de saída é a confluência do Rio Taquaruçú e Corumbataí,



partindo daí por uma linha reta e seca até alcançar a confluência do Rio Palmital e Liso onde teria o nome de Muquidão, daí desce pelo Rio Muquidão até a confluência com o Rio Corumbataí, e pelo Corumbataí sobe até a confluência com o Rio Taquarussú, ponto de partida. Abrangendo, assim, todo o território do distrito de Bela Vista (KÜPPER, 1975).

A senhora Virka Neduziak, de ascendência ucraniana procedente de Pitanga, descreve como foi a chegada de seus pais na região, comentando:

O meu avô ficou morando lá em Prudentópolis, por algum tempo, depois eles vieram prá região de Pitanga. Pitanga nessa época ainda não tinha, ainda não era município. E também ninguém era dono das terras e eles foram chegando e ficando dono, não tinha de quem comprar e foram ficando ali. Só bem mais tarde, quando Pitanga ficou município, então que fizeram algumas leis e conseguiram registrar essas terras, tanto que o meu avô tinha um total de cem alqueires, que não eram terra legítima, que eles falavam, era a tal de terra Nacional, não tinha documento assim, porque não era de ninguém, não era popularizada ali ainda, eles foram os primeiros habitantes de Pitanga. (NEDUZIAK, 2009).

A colônia ucraniana (Figura 2) ganha destaque impar no contexto da colonização do município de Nova Tebas. Essa comunidade preserva fortes laços sociais e culturais, uma vez que constituem uma comunidade unida em torno da igreja ucraniana, a qual institui um lócus de poder cultural.



Figura 2: Igreja da colônia ucraniana Barreirinho de Baixo no município de Nova Tebas – Paraná
Fonte: LUZ, Leandro Domingos. 06/08/2009



Grande parte das famílias ucraina-brasileiras que migraram para Nova Tebas eram procedentes de colônias tradicionais do Sul do Estado, ao entorno do município de Prudentópolis, sobre esse processo, o Senhor Alexandre Bursuk, comenta:

De carroção, de carroça de cavalo. A mudança eles faziam assim, eles combinavam três, cinco famílias, vamos pra tal lugar, pelo menos os Borsuk que são os meus, eles vieram em três famílias aqui e o tal de Estéfano Kachanoski, quarta família. Eles vieram abrindo no picadão, de carroção trazendo a mudança, e vindo, demoraram não sei, dois meses ou mais pra vim de Pitanga aqui onde nós tamô, e aí eles se habitaram, um lugar num outro no outro e assim ficaram, até quando veio a medição de terra (BORSUK, 2009).

Nessa breve passagem, podemos observar que os laços entre as famílias foram sendo formados ao longo do processo de migração, que depois foram sendo reafirmados com os casamentos entre pessoas da mesma origem étnica, intensificando a noção de comunidade, bem como as suas relações sociais. Um exemplo disso é que entre as 90 famílias, 23 possuem o mesmo sobrenome, mudando apenas a grafia (Hrysky, Hrycyk, Hrysyki). A senhora Maria Kaviak Gelinski, filha de imigrantes ucranianos procedentes da Galícia, conta-nos como eram os casamentos dentro da cultura ucraniana,

Mas os casamentos eram maravilhosos. Porque o casamento era assim, muita gente... dois dia de casamento, feito tudo em casa. Pra começa era um casal de gente que vinha recebe os convidado. Então, os ucrainos tinham aquelas Screpschas, hoje dizem aquilo de violino, mas nós conhecia aquilo por screpschas, né? Eles cantavam muito bonito, tocava muito bonito, para os primeiros visitante. Depois também, quando chegava o povo da igreja, também se acolhia. E depois era o casamento, depois era o almoço do casamento, depois que passava o almoço do casamento, daí também tinha os cântico muito bonito, tudo no dia do casamento. Os ucranianos usavam cantar muito, né, aqueles cântico muito bonito maravilhosos que eram do dia do casamento (GELINSKI, 2009).

Os casamentos, principalmente os realizados entre as famílias de origem ucraniana, eram visto como o ápice da participação comunitária. Constituía a afirmação da identidade cultural do grupo e da solidificação das relações entre as famílias. Por meio da fonte oral, somos capazes de evidenciar como o indivíduo vê a sua participação na comunidade em que está inserido.

Da mesma forma que os casamentos, a relação diária entre as famílias reafirmavam os laços identitários do grupo. Ao ser questionada como era a relação com as famílias, a entrevistada acrescenta:

Nóis vivia em colônia. [...] matava um porco, já tinha lá os vizinhos pra mandá a carne, um pedaço pra um, um pedaço pra outro. E também,



quando um vizinho matava a gente recebia, era lingüiça, era carne, era um pedaço de tocinho, então, era assim. Eu tenho esse ritmo até agora, se eu mato um porco, eu tenho as pessoas pra dá um pedaço. [...] eu ainda tenho o costume, quando eu mato um porco, mato um boi, eu ainda levo um pedacinho pra um, um pedacinho pra outro, eu ainda mantenho um pouco dessa tradição, porque é uma coisa muito bonita, né? (GELINSKI, 2009)

Fica evidente, o quão importante se torna as relações sociais entre as famílias, da mesma forma, a manutenção dessa tradição. No que diz respeito a relação entre os *ucranianos*² e os brasileiros e se mantinha a língua ucraniana no ambiente familiar, a senhora Lucia Hrysky Bursuk, comenta:

Mantinha, tanto que quando eu entrei na aula o primeiro ano, eu tava com sete ano, eu não sabia nada de português, eu só sabia dizê bom dia e até logo, só. Daí nós com os brasileiros... o primeiro ano que tinha aqui, e a professora era a Maria Kolisk, era ucraniana, ela é que ajeitava as coisas, porque dava até encrenca no meio dos alunos, por que nós não sabia nada em brasileiro e os brasileiro dava risada de nós só falá em ucraino, achavam que nós tava falando deles. Mas daí foi quando começava as aulas em português o ucraniano era só no sábado. A gente aprendeu o ucraniano desde de criança. Mas o costume em casa era tudo junto só em ucraniano, não falava nada em português, aqui era uma colônia só de ucrainos, a gente quase não conhecia brasileiro (BURSUK, 2009).

Grande parte dos migrantes têm como língua materna o próprio ucraniano, repassada de geração em geração, desde os primeiros imigrantes vindos da Europa. Até então, a comunidade vivia sem ter muito contato com outras descendências, tanto que muitos ucranianos morreram sem saber falar nada em português. As crianças eram as que sofriam mais com a diferença cultural quando iam para a escola. Fica evidente com essa passagem do depoimento da Senhora Lucia, como era vista a identidade entre os ucranianos e os brasileiros, quando ela diz *nós* (os ucranianos) e *eles* (os brasileiros).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das entrevistas com as fontes orais, consideramos que o processo de colonização do município de Nova Tebas – Pr, esteve intimamente relacionada com a reprodução das relações sociais que já eram estabelecidas nas colônias ucranianas tradicionais, e a partir do referido processo foram sendo reproduzidas e reafirmadas com o casamento entre as famílias consolidando a sua identidade coletiva.

² Na comunidade todos os descendentes que aprenderam primeiro a língua ucraniana e os que ainda mantêm as tradições de seus ascendentes são chamados de ucranianos, mesmo que este tenha nascido no Brasil e que jamais tenha visitado a Ucrânia.

V EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica
26 a 29 de outubro de 2010

NUPEM
Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar

FECILCAM
Fórum Estadual de Ciências da Saúde



Dentro do processo de colonização o que mais chamou a nossa atenção foi o fato das famílias ucraina-brasileiras, se localizarem apenas em uma parte do município, de fato, a área de colonização mais antiga. A permanência dessas pessoas no seu local de origem é um fato que consideramos estar relacionado à identidade cultural que se formou no grupo, sendo importante nos atermos as relações diárias entre as famílias que se estende desde a colonização até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual da história oral**. 3. ed. São Paulo: FGV, 2008.

BURSUK, Alexandre. [entrevista concedida em 6 de Agosto de 2009]. Nova Tebas, 2009.

BURSUK, Lucia Hrysky. [entrevista concedida em 6 de Agosto de 2009]. Nova Tebas, 2009.

COSTA, Benhur Pinós da. As relações entre os conceitos de território, identidade e cultura no espaço urbano: por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Escritos e Ensaios: Estado, processo e opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios: origem e significado de seus nomes**. Curitiba: MB- Memórias do Brasil, 2000.

GELINSKI, Maria Kaviak. [entrevista concedida em 6 de Agosto de 2009]. Nova Tebas, 2009.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico de Nova Tebas. IPARDES, 2010**.

KÜPPER, Paulo, et al. **Livro tombo**. Nova Tebas: Paróquia São Pedro Apóstolo, 1975 – 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NEDUZIAK, Virka. [entrevista concedida em 26 de abril de 2009]. Nova Tebas, 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Rotary Club: Habitus, estilo de vida e sociabilidade**. São Paulo: Annablume, 2004.



THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.